



Escola de Filosofia Espiritualista Raios do Amanhecer
Jaboatão dos Guararapes/PE



O Sermão da Montanha

ÍNDICE ANALÍTICO

Introdução	3
O Sermão da Montanha.....	5
“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles, é o Reino dos Céus”. (Mt 5, 3)	6
“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem mal contra vós. Alegrai-vos e exultai porque grande é a recompensa nos céus; pois assim também perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” (Mt 5, 10 a 12)	12
“Vós sois o sal da Terra...” (Mt 5,13)	13
“Vós sois a Luz do Mundo...” (Mt 5, 14 a 16)	13
“Não pense que eu vim revogar a lei ou os profetas; mas, vim cumpri-los...” (Mt 5, 17 a 20). 14	
“O Ensino sobre o Adulterio e sobre o Divórcio”. (Mt 5, 27 a 32)	16
“O Ensino sobre os Juramentos”. (Mt 5, 33 a 37).....	18
“Ensino sobre a Vingança” (Mt 5, 38 a 42).....	18
“Ensino sobre o Amor pelos Inimigos” (Mt 5, 43 a 48).....	19
“Ensino sobre a caridade e a oração” (Mt 6,1 a 15).....	20
“Ensino sobre o Jejum” (Mt 6, 16 a 18)	22
“O Ensino sobre a Verdadeira Riqueza” (Mt 6, 19/21)	23
“O Olho é a Candeia do Corpo...” (Mt 6, 22 e 23)	23
“Não se pode servir a dois senhores” (Mt 6, 24)	24
“Observai as aves do céu...” (Mt 6, 25 a 34).....	25
“Não julgueis para que não sejais julgados” (Mt 7,1 a 5).....	26
“Não lancei pérolas aos porcos...” (Mt 7,6).....	27
“Pedi e vos será dado...” (Mt 7, 7 a 12)	28
“Entrai pela porta estreita...” (Mt 7, 13 e 14)	28
“O Ensino sobre os falsos Profetas”. (Mt 7, 15 a 20).....	29
“Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus...” (Mt 7, 21 a 23).....	30
“Os Dois Fundamentos”.(Mt 7, 24 a 27)	31
Conclusão	32
Bibliografia	33

Introdução

Sermão: Discurso religioso; Pregação; Repreensão; Discurso longo que visa sempre à edificação moral e espiritual, de seus ouvintes.

Na Bíblia encontramos os seguintes sermões:

De instrução aos apóstolos;	(Mt 10, 5/42);
De advertência aos escribas e fariseus;	(Mt 23, 1/37);
Sermão profético;	(Mt 24, 1/46);
Sermão do cenáculo;	(Jo 13 a 17);
e o Sermão da Montanha.	(Mt 5 a 7)

Vários outros grandes espíritos vindos a terra, ensinaram suas filosofias e doutrinas reunindo multidões ao seu redor, proferindo ensinamentos de cunho edificante.

O Sermão da Montanha foi a primeira grande mensagem que Jesus proferiu às multidões. Provavelmente nas colinas do Monte Kurun Hattin ou Cornos de Hattin, ao sudoeste do Lago de Genezaré ou Mar da Galiléia, o Mestre fez este discurso.

O Sermão da montanha pode ser considerado como a plataforma do Reino de Deus. Representa o programa da mística Divina e da ética humana, visando a total realização do homem perante Deus e junto aos seus semelhantes; onde, mística é o estado de crença espiritual da união da criatura com o Divino; e a ética, é o juízo de apreciação da conduta humana, discernindo o bem do mal.

O Sermão da Montanha mostra o mais profundo contraste entre os padrões do homem profano e o ideal do homem iniciado. O homem profano, por exemplo, acha absurda qualquer atitude de demonstração de amor, perdão, benevolência aos malfeitores, em suma, não revidar uma injustiça; é um ser puramente materialista e egoísta. Já o homem iniciado, conseguiu despertar sua atenção para valores éticos, que incondicionalmente transcenderão sua visão imediatista. E este Sermão, é o convite para o homem entrar em uma nova dimensão de consciência, despertando a sua iniciação em uma prática mística, exercitando a sua espiritualidade no campo da ética.

Surgem então duas perguntas:

- Como poderia um discurso tão longo, para as condições em que supostamente tenha sido exposto, ter sido registrado durante a sua única apresentação?
- Como poderiam pessoas tão simples e ignorantes, como as multidões que seguiam o Cristo, darem a atenção devida a ensinamentos que não correspondiam aos seus anseios imediatos?

O Sermão da Montanha se encontra documentado, em maior abrangência, no Evangelho de Mateus, que talvez, por ter sido cobrador de impostos, portanto um dos mais cultos dos apóstolos, tinha o hábito de lidar com documentos, e provavelmente deveria estar sempre preocupado em registrar vários momentos vivenciados com o Mestre Jesus durante o seu discipulado, visto que suas narrativas, são ricas em detalhes principalmente no que se refere a este sermão.

Crê-se que estas instruções devem ter sido ministradas por Jesus ao longo de vários encontros tanto com a multidão (profanos), como com seus discípulos (iniciados).

O ponto chave que precisa ser ressaltado para respondermos aos dois questionamentos supracitados, é que os Mestres precisam ensinar de acordo com a

capacidade daqueles que estão ouvindo. Os Mestres sabem que as pessoas estão em níveis evolutivos diferentes, e que seus discípulos, aqueles que já tiveram uma certa iniciação, serão capazes de entender com muito mais profundidade, de acompanhar e de se beneficiar dos ensinamentos mais elevados com mais fácil entendimento.

Passando agora ao conteúdo da mensagem do Mestre, vemos que em todo seu ministério, e no Sermão da Montanha em particular, a análise nos mostra que Jesus está procurando transmitir um conjunto de ensinamentos que se fundamentam em quatro pontos principais a se observar:

- O primeiro, é que o objetivo de alcançar o Reino dos Céus , como intuímos, significa alcançar o estado de entendimento pleno de união com Deus.
- O segundo ponto é que para isso, o homem deve estar pronto a mudar seus conceitos para que o bem comum se equilibre. Já que, por ele estar imerso na materialidade, está tolhido por seus condicionamentos insensatos, precisando então se transformar. E como ele foi criado à imagem e semelhança de Deus, ele é também um criador, e deve agir exatamente como Deus, criando as condições de dentro para fora, e para isso precisa se "esvaziar" das coisas de fora.
- O terceiro ponto é que todas as ações do homem na Terra são regidas por uma grande lei conhecida como a lei de causa e efeito. Lei que nos indica que tudo o que vivenciamos (efeito), tem uma origem anterior naquilo que fizemos deliberadamente com o uso do nosso livre arbítrio (causa).
- E o quarto ponto, finalmente, é que existe um grande princípio de coesão no universo. Esse princípio de coesão, de união, é conhecido por nós como Amor. Esse princípio faz com que todas as barreiras possam ser transpostas, todos os impedimentos sejam dissolvidos para a união final do homem com Deus.

Esses quatro princípios são apresentados de diferentes formas, sob diferentes ângulos, por Jesus, ao longo do Sermão da Montanha.

Entre os quatro Evangelhos, o de Mateus, possui características bastante marcadas pela tradição judaica. Encontraremos diversas passagens e termos bastante usuais desta sociedade. Por isso, considera-se a narrativa destinada à educação dos cristãos de Israel; e também o livro que contém um fortíssimo apelo teológico, que é a didática das questões e conhecimentos sobre a divindade e suas relações com os homens.

Ao viajarmos pelo Sermão da Montanha, estejamos de coração aberto para a contemplação do choque entre o nosso egocentrismo e a atitude coletiva que deve nascer em cada um que se diga membro da sociedade que o Cristo deseja para este mundo.

ATENÇÃO: Recomendamos ao leitor que disponha do livro do Evangelho Segundo Mateus, para que, acompanhando o texto, encontre maior comparabilidade do que neste trabalho se encontra exposto.

Jaboatão 31 de julho de 1999.

Wilson Farias dos Santos

O Sermão da Montanha

Quando Jesus andava, acompanhado de seus apóstolos nas proximidades do Lago da Galiléia (Cafarnaum, Tiberíades, etc.), naturalmente passou a reunir multidões à sua volta, que o procuravam nas sinagogas locais em busca de sua palavra, e também de curas para as suas moléstias. Logo, esta multidão aumentava imensamente. Mais e mais pessoas o procuravam, vindo de Tiro, Magdala, Naim, etc. Foi quando em meio à caminhada, segundo Mateus, Ele subiu a um monte e sentou-se, pois era de costume, se elevar para uma posição acima dos ouvintes.

Este Sermão, que a princípio, destinava-se a seus discípulos, também foi assistido por todo aquele povo. Ele falaria dos princípios básicos de adoração a Deus, da convivência entre os homens, e das promessas aos que cumprissem tais ensinamentos.

Os Mandamentos do Antigo Testamento determinam **o que é permitido e proibido fazer** e dão um tom de severidade. Os ensinamentos do Sermão da Montanha, entretanto, apontam **o que é necessário ser feito** e são impregnados de amor.

Ele começa com as conhecidas Bem-aventuranças (promessa de felicidade), que são em número de oito. Bem-aventurado é aquele que alcançou um estado de felicidade tão profundo que, na prática, não pode ser descrito. E esse estado de bem-aventurança é alcançado, não na nossa consciência usual da vida terrena, mas quando experimentamos a união com o Sumo Bem. Em outras palavras, este estado torna-se uma realidade quando o discípulo alcança um nível suficientemente alto de consciência em que se vê unido a Deus. Então, nesse momento, ele experimenta essa imensa felicidade que é a bem-aventurança.

Logo em seguida, seguem-se vários ensinamentos comportamentais, que fazem relação às atitudes, virtudes e disposições necessárias para saber conviver com diversas situações de vida, mostrando progressivamente ao iniciado, o entendimento do Reino dos Céus (estado de expansão espiritual), através dos resultados práticos dos mesmos. Começa, então, assim o Seu discurso...

“Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles, é o Reino dos Céus”. (Mt 5, 3)

A interpretação desta virtude é motivo de muita controvérsia. São muitos os que interpretam que “pobres de espírito”, seriam os de espírito endurecido, os de pouca intelectualidade, ou mentalmente desprovidos. E alguns até acham que seriam os desprovidos de condição material. Mas, entendemos que a colocação desta virtude encabeçando o discurso, tem um sentido especial, e é abrangente a qualquer condição social, política, econômica ou cultural em que se encontre alguma pessoa.

Se invertêssemos a sentença, e obtivéssemos a seguinte frase: “Bem-aventurados os de espírito pobre...”, chegaríamos à conclusão que os leitores dos textos bíblicos precisam sempre estar atentos às traduções e ao sentido das palavras.

Pobre de espírito é o humilde, o simples, aquele que, verificando a sua condição de pouco adiantamento espiritual, e aspirando à perfeição, reconhece que muito necessita melhorar. E por isso, em primeiro lugar, é preciso reconhecer a sua pequenez espiritual, despindo-se do orgulho, para só então, poder lutar por alcançar um lugar melhor neste Reino de Deus.

Este ensino se completa na passagem que o Cristo diz: *“Aquele que se humilhar, e se tornar pequeno como uma criança, será o maior no Reino dos Céus”,* e também: *“Aquele que se eleva será humilhado, e aquele que se humilha será elevado”.*

É preciso destacar, portanto, que a pobreza é de espírito, visto que a humildade não tem nenhuma relação com bens materiais, já que há vários ricos que são humildes, e há muitos pobres extremamente orgulhosos.

Notamos, pois, que a atitude primordial daqueles que desejam aspirar a mística do Cristo, é a de se tornar humilde diante de Deus, diante de si e diante do próximo, reconhecendo sua ignorância, visto que o orgulho impede ao iniciado, o plantio da sementeira Divina no meio humano.

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. (Mt 5, 4)

A dor material e a dor moral são realidades no meio humano.

Por conta do sofrimento, o homem está pronto a culpar toda a humanidade e as condições de vida. A segunda bem-aventurança faz um diagnóstico: a causa da infelicidade das pessoas é a sua doença espiritual de achar que toda causa do sofrimento encontra-se em um alvo externo, e não dentro de si próprio.

A promessa deste ensino é a de que felizes serão, aqueles que suportarem resignadamente suas provações, expiações, melancolias e todos os

sentimentos advindos do estado de dor que estejamos passando, sem que façamos sofrer, principalmente, outras pessoas, encontrando assim, o ponto de equilíbrio para superar tanta infelicidade.

Observem também que o Cristo indiretamente, indicava que tudo aquilo que vinha fazer alguém sofrer, não estava em desacordo com as Leis de Deus. A dor não seria portanto, algo aleatório. A Lei de Causa e efeito, era constantemente evidenciada em suas palavras, e todas as lágrimas seriam abrandadas à alma que suportasse bem os desatinos da vida.

Em contrapartida, a nossa incapacidade na observância a este ensino, nos leva aos maiores crimes cometidos à nossa própria existência. Os vícios, as agressões, as revoltas, a falta de compreensão, nos atingem como os maiores inimigos da evolução humana.

Todo homem voltado para sua auto-realização, embora sofra por fora o impacto das circunstâncias periféricas desfavoráveis, interiormente deve se esforçar em não ser uma pessoa infeliz. Aquele que realmente passa a se conhecer e se aceitar não será vítima da tristeza, pois, será sempre senhor de si mesmo em qualquer circunstância.

Porém, numa outra análise, a aflição que leva ao consolo, como expressa esta bem-aventurança, é a aflição pela ausência da Graça divina. O homem comum chora pelas dores das coisas desse mundo, o homem espiritual se aflige pela perda do estado original de plenitude com Deus. Nesse caso, o discípulo sente que perdeu aquilo que tinha de mais precioso: o deleite constante da Presença de Deus.

Aprendamos então que Deus não nos criou para sermos infelizes, mas que por força de nossas próprias ações, experimentamos a dor e precisamos entender que só através dela, é que na maioria das vezes, nos voltamos a Ele. Portanto, agradeçamos sempre a Deus pelos sofrimentos, e aprendamos a sofrer dignamente.

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra”. (Mt 5, 5)

O stress da vida contemporânea, é o maior motivador da falta de equilíbrio físico e mental dos homens. Porém, um dos maiores erros humanos, é o de pensar que o ponto deste equilíbrio se encontra em algo fora da nossa essência, e não em nós próprios.

Quando nos sentimos feridos, pouco valorizados e inferiorizados, somos invadidos, inconscientemente, por sensações de dores intensas que abalam nosso equilíbrio interno. Tais sentimentos tornam-se agressivos contra nós mesmos, e podemos gerar sensações de revolta e ódio, que acabamos liberando contra as pessoas.

A mansidão consiste na desistência de qualquer violência, tanto física quanto mental, e na sua substituição pela força do espírito.

Como Jesus estaria dizendo que os mansos vão herdar a terra, já que a nossa experiência física mostra que são os fortes, os agressivos, que

ganham as coisas do mundo. Será que Jesus estava errado ou será que há um sentido espiritual por trás disso?

Todos os seres que não atingiram a consciência espiritual, recorrem a algum tipo de violência para conseguirem seus fins. Mas, quando o homem avança no caminho da sua evolução superior, compreende que toda ação violenta, é sim um sinal de fraqueza.

Quando o homem exercita a mansidão em sua vida, passa ele a confiar-se ao exercício do "Deus em mim", e a se tornar poderoso em estado silencioso, enquanto alguns são ruidosamente fracos. Este homem entende que todas as coisas serão dadas em acréscimo àquele que busca o Reino de Deus.

A promessa de herdar a Terra, está de acordo com as palavras de várias escrituras sacras, de que um dia o Reino de Paz se proclamará sobre a face da Terra. O espírito de força, dará lugar a força do espírito. Os que assumirem esta atitude, serão os legítimos herdeiros da futura Terra.

Note-se que o espírito de mansidão, é uma "coincidência" notável na atitude dos grandes homens que trabalharam para a evolução deste planeta operacionando a atitude de paz interior. Além do Cristo, poderíamos citar: Ghandi, Dalai Lama, Buda, Confúcio, Lao-Tse, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Chico Xavier, e tantas outras grandes almas que serviram à humanidade combatendo a ignorância do homem e ensinando-o a agir com espírito de mansidão.

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos”. (Mt 5, 6)

A palavra justiça, toda vez que ocorre nas escrituras, significa a relação ou atitude justa e reta que o homem assume em face de Deus e do próximo. Justiça é, portanto, a compreensão intuitiva de Deus e seu natural transbordamento na vida cotidiana.

Jesus se refere a todos aqueles que ultrapassaram as fronteiras do entendimento puramente humano das coisas cotidianas. Todos aqueles que estão cansados de lutar, que se dizem desiludidos, que estão sem forças de prosseguir, mas sabem que não podem desistir.

Todas estas pessoas sentem uma espécie de anseio de algo do que têm uma intuitiva certeza: que não podem, no seu desespero, parar de procurar o verdadeiro amparo de Deus; Aquele que pode fornecer todas as respostas para todas as perguntas.

Todo o homem que trata, equilibradamente de encontrar o "Reino de Deus" na sua existência, pode possuir serenamente os objetivos necessários a uma vida decentemente justa, e nunca estará em vésperas de calamidades existenciais. Aconteça o que acontecer, o principal está garantido: A certeza de que tudo na vida é justo, já que cremos em um Deus justo, mesmo que

precisemos entender os mecanismos da Lei de Ação e Reação que rege o Universo.

A promessa é de que, aqueles que permanecerem com os pensamentos e atitudes corretas, mesmo que tistes, encontrarão a verdadeira justiça para seus desatinos, sentindo a força de Deus em suas vidas.

A fidelidade à Lei de Deus, ocasiona o encontro com a justiça. As lágrimas, são consequência de atitudes incorretas. Se os homens cumprirem a sua parte, serão saciados.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.(Mt 5, 7)

Esta é uma atitude que está diretamente relacionada à Lei de Ação e Reação (Toda ação corresponde a uma reação de mesma intensidade e sentido contrário).

Jesus ressaltava que o que vem para você, é o que a sua consciência traz. Podemos até não gostar do que encontramos na nossa vida, mas é o nosso poder de compreensão para com os erros alheios, que poderá nos fazer ser compreendidos. Sim! Pois, misericórdia, é justamente a compaixão, a compreensão pelas miserabilidades alheias.

A maravilha desta atitude de ser, nos mostra que quando construímos uma consciência de amor, justiça, perdão, amizade e paz, não mais nos identificaremos com qualquer desgraça em nossas vidas. Começaremos a andar num verdadeiro círculo mágico de “proteção”. Com esta atitude de ser, atrairemos o que de melhor existe nas pessoas.

E é preciso estarmos conscientes das deficiências e imperfeições que ainda possuímos, entendendo que não somos tão melhores que nossos irmãos de jornada, observando que somos mais responsáveis pelos nossos atos, pois: *"A quem muito é dado, muito será cobrado"*.

Aprender a dosar a nossa capacidade de compreender, requer uma nova tendência de estarmos vigilantes ao desenvolvimento de uma consciência mais plena e abrangente das pessoas que caminham ao nosso redor.

Só que é necessário o devido cuidado para isto não se tornar uma ação interesseira. O homem crístico deve estar liberto de qualquer atitude mercenária, pois ele colabora com uma nova forma de comportamento do seu próximo sem nunca esperar resultados dos seus exercícios.

Respeitemos o conceito de que não é “não fazer o mal” que produzirá bons resultados, mas sim, “ser bom” é que produzirá a ação de “fazer o bem”.

“Bem-aventurados os limpos (puros) de coração, porque verão a Deus.” (Mt 5, 8)

É muito conhecida a preocupação dos judeus pela pureza exterior, estabelecendo regras absurdas, como por exemplo na oferta de sacrifícios: não poderiam fazê-lo os que houvessem se alimentado de carne de porco, os que tivessem tocado em ossos, os cegos, os aleijados, os leprosos, os de corpo sujo, ou os que não fossem judeus.

Facilmente se entende que as palavras de Jesus se referem a purificar primeiramente o espírito das imperfeições, para que as nossas palavras e ações pudessem ser puras como as de uma criança.

Só que, a nível humano, os homens costumam operar somente aquilo que os sentidos materiais conseguem captar. E a esse nível, os seus julgamentos, são muito precários.

Esta atitude sugere um esclarecimento a respeito de Deus, após o homem se despojar do que o seu ego produz. Quando o homem deixa de agir com o seu pequeno ego físico-mental, e passa a interagir com o seu eu racional-espiritual, terá um grande desenvolvimento de sua pureza interior. Deixará de se ocupar com questões pouco produtivas, e dará importância às condições primordiais de uma vivência equilibrada, renunciando assim ao seu mundo egocêntrico.

Já alcançamos neste início de século XXI, através da evolução científica, tecnológica, filosófica e religiosa, condições necessárias para reavaliarmos os conceitos que mistificaram a liberdade de pensamento e crença da humanidade a uma inércia mental que acomodou as criaturas durante tanto tempo. Mudar, requer desprendimento dos conceitos ultrapassados e medievais.

Ver a Deus, significa a experiência direta da realidade eterna. Necessário se faz, melhorarmos o nível daquilo que nossos potenciais canalizam, para que possamos VER DEUS.

“Bem-aventurados os pacíficos (pacificadores), porque serão chamados filhos de Deus”. (Mt 5, 9)

O verdadeiro pacificador, não é aquele que estabelece a paz primeiramente entre as pessoas. Mas, aquele que estabiliza a paz dentro de si próprio, pois, ninguém poderá ser verdadeiro pacificador de outros se não for pacificador de si mesmo. A verdadeira paz é um carisma Divino, uma dádiva de Deus, que é dada a todo homem que se tornar receptivo para receber este tesouro.

Muitos dizem: “Lutarei contra tudo e contra todos para obter a paz!”, quando a paz é justamente a ausência de lutas. E se pudermos observar, muitas destas guerras, ocorrem por nossa sede obsessiva em querer ter algo ao nosso poder. Porém, a conquista definitiva de paz na alma, é fruto de uma grande guerra. Mas uma guerra que o homem deve declarar a si mesmo. Ao seu velho egoísmo.

Quanto mais queremos ver nossos direitos serem preservados, mais poderemos estar propensos a desrespeitar o direito dos outros. O lógico é que

todo aquele que reduzir ao mínimo o desejo de "se dar bem", menos motivo terá de perder esta paz.

A questão de como reagir quando alguém nos atinge, é de grande importância para quem pratica arte de viver em paz. Todo aquele que quiser viver equilibrado, deve passar por uma espécie de "crucificação" (sacrifício). A consciência do ser passa por uma "ressurreição" (mudança), alcançando o poder da sabedoria.

O pacificador deve irradiar paz e sabedoria, vencer suas próprias sombras e compreender a ignorância dos outros. Para o pacificador, o passado não pode ser ignorado, pois será o grande motivador para não se repetir novos erros. O grande desafio é poder viver esses valores com sabedoria.

O homem precisa saber descobrir que resolvendo as suas profundas frustrações de apegos excessivos àquilo que satisfaça seu ego, conseguirá com mais facilidade alcançar um nível de equilíbrio interior, onde nenhuma condição desfavorável, arruíne o mesmo.

O homem que faz tratado de paz consigo, irradia uma atmosfera de calma e felicidade, que contagia a todos os que forem suscetíveis a perceber esta energia vibrante.

“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois, quando por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem mal contra vós. Alegrai-vos e exultai porque grande é a recompensa nos céus; pois assim também perseguiram os profetas que vieram antes de vós.” (Mt 5, 10 a 12)

Todo aquele que se colocar como profeta da verdade, divulgando os ensinamentos do Evangelho, despertará toda espécie de perseguição por parte dos homens ignorantes, cujos interesses profanos, estão acima de qualquer coisa. Mas, não vos desesperéis, pois o teu consolo é que podereis ter o “Reino dos Céus” (céus em grego significa expansão).

Quando estabelecemos um curso de retidão, disciplina e autolimitação, invariavelmente cruzaremos com fluxos de pensamentos estáticos e viciados.

Na física, para que um corpo mova-se, ou para que se pare algo que está em movimento, teremos que vencer uma força chamada inércia. A inércia mantém algo parado ou em movimento, até que haja uma outra força e modifique este estado de movimento. Assim também se dá com a nossa forma de pensar e julgar, que também resiste a mudanças. Para vencer esta inércia mental, teremos que “forçar” os estados de mente que direcionam o somatório de nossa vivência.

Diga-se de passagem, que a maior perseguição sofrida por alguém, é a da nossa própria consciência, que, ao alcançar determinados estágios de conhecimento, passa a nos indicar que viveremos as consequências da nossa falta de atitude renovada. Já não somos tão ignorantes em desconhecer este fato!

As pessoas que são inteiramente negativas, nunca se preocuparão em serem tentadas, pois estão envolvidas com a negação. Sempre que houver tentação, haverá algum tipo de inspiração superior. Sempre que houver tentação sobre a fraqueza humana, haverá evidência do despertar da divindade no homem, pois, o mal não tenta o mal.

Por outro lado, não poderíamos deixar de falar das perseguições travadas pelos nossos irmãos de jornada. Estamos habituados a dizer que os perseguidores daqueles que estão tentando progredir espiritualmente, são pessoas perversas e de má-fé. Entretanto, as mais cruéis perseguições que a história humana conhece, foram desenvolvidas por homens que acreditavam na sinceridade das suas intenções. Achavam que possíveis mudanças seriam ameaças aos seus valores de vida. E como, segundo eles, “os fins justificam os meios”, todos os meios serão considerados lícitos, se a defesa daquilo que acreditam estiver garantida. Até mesmo, os maiores ataques à verdade, à justiça e à caridade. Porém a melhor maneira de sabermos se um ato é justo, será analisar se o mesmo produzirá o que é bom para todos os seres envolvidos (Conhece-se a árvore pelo fruto).

Nesta atitude de ser, Jesus estás dizendo: "Tu colocaste a mão no arado, portanto, não olhes para trás. Tu estás no caminho, e a perseguição dos pensamentos hostis (internos e externos), comprova isto. Ultrapasse a inércia da sua humanidade, para libertar a sua espiritualidade. E só assim, verás que lá na frente, alcançarás o nível de compreensão necessária aos que contigo caminham e necessitam de ti."

"Vós sois o sal da Terra..." (Mt 5,13)

O sal que usamos costumeiramente dá sabor aos alimentos e os preserva de estragarem-se.

O Mestre quis dizer com isso, que os verdadeiros seguidores da Verdade, deveriam se tornar o espírito da humanidade, preservando-a da degradação moral.

Analogamente, se podemos dizer que o sal é útil na harmonização do sabor dos alimentos, os seguidores da Verdade Universal devem ser agentes da harmonia no seio da humanidade, e para que o "sal" exerça a sua atividade, precisa estar em contato íntimo com os alimentos.

Ao passo que este tempero dá sabor aos alimentos, também estimula o apetite. Quando estivermos temperados com o sal da verdade, nosso conhecimento, bem aplicado, subitamente revelará uma nova dimensão de vida.

Devemos ter a atenção que para se dar o devido sabor ao alimento, o sal deve ser usado na medida certa. Quando usado em demasia, torna os alimentos intragáveis, assim como o possível fanatismo, atemoriza o necessitado, afastando-o do nosso convívio. Usado de menos, não surte o efeito desejado, deixando o alimento sem sabor; o medo e o acanhamento impossibilitam os ensinamentos de alcançarem os que precisam.

E ainda existem aqueles que devendo ser "O Sal da terra", não se preparam através da prática dos seus dons, perdendo assim, a força de sua contribuição. São aqueles que são jogados fora para serem "pisados" pela própria vida que levam.

O Cristo nos convida a fazermos parte desta grande empreitada de evolução da Terra, justamente com a contribuição da nossa parcela de "sal" no meio em que vivemos.

"Vós sois a Luz do Mundo..." (Mt 5, 14 a 16)

É constante em vários livros sacros da humanidade, a afirmação de que Deus é luz. Na alvorada deste novo milênio, este arroubo poético se torna uma verdade atestada cientificamente.

Sabemos que toda matéria, condensada ou não, é energia. E toda energia, visível ou não, é uma manifestação da Luz Cósmica. Então, para que melhor simbolismo da mística de Deus, que a luz como essência do progresso espiritual.

Toda a tarefa da espiritualização do homem consiste em que ele faça a sua existência tão pura e luminosa quanto a sua essência Divina.

A comparação com o candelabro e com o monte, representa visibilidade, publicidade, porque o arauto do Reino de Deus, não é um ocultista, ou um egoísta, mas, um emissário da Luz Divina, que é expansiva por sua própria natureza. Por isso, Jesus nos diz para não escondermos ou guardarmos a nossa espiritualidade.

Somos, se assim nos comprometermos, a própria atividade de Deus em expressão. E não há lugar onde a luz de Deus não possa estar presente, por menor que seja.

Porém, um fato que novamente deve ser observado, é o perigo do ego humano, orgulhosamente, obrar qualquer atividade crística. A verdadeira luz é incontaminável. A luz é para as trevas, e não as trevas para a luz. O homem crístico deve ser luminoso no meio de escuridão, assim como a luz é pura no meio das trevas. O luminoso longe das trevas é silenciosamente solitário. O luminoso no meio das trevas é serenamente solidário.

Deixe a sua luz brilhar!

“Não pense que eu vim revogar a lei ou os profetas; mas, vim cumpri-los...” (Mt 5, 17 a 20)

Precisamos distinguir na lei judaica, duas leis distintas. Uma é imutável, de cunho moral, transmitida a Moisés pelo plano de Deus, com a intenção de deixar normas seguras de comportamento para que todos os povos encontrassem a sua regeneração. A outra, tem característica disciplinar, criada por Moisés, para manter a paz e a ordem entre aquele povo heterogêneo e desordenado. A primeira tem origem Divina, e é eterna. A segunda, a do “olho por olho, dente por dente”, nasceu na mente do homem para legislar as necessidades daquele povo grosseiro e materialista, e que esta não encontra sustentação na essência da Justiça de Deus.

Jesus se refere nesta passagem, justamente à Lei Divina, que se resume no amor a Deus e ao próximo, onde estavam toda a lei e os profetas. Ele não disse que iria recusar a antiga lei de sua cultura, mas, quis ajudar-nos a compreender a lei espiritual que as promessas das próprias escrituras não expunham com pureza, mas sim, asfixiada pelo fanatismo religioso.

Ele ampliou o horizonte de observação ao qual a Lei de Deus se aplicava, enunciando que não bastava apenas “não farás isto” ou “farás aquilo”, mas que “a sementeira é livre, porém, a colheita será obrigatória”,

mostrando que somos incondicionais responsáveis pelas conseqüências daquilo que fizemos.

O Cristo não fez nada do que não tivesse contido nas antigas profecias. Ele aceitou a visão profética e alertou que a razão pelo qual as pessoas não alcançavam as possibilidades prometidas pelos antigos não era porque Deus estivesse impedindo suas realizações, mas porque não mantinham o espírito da Lei Divina, preferindo se satisfazer em praticar apenas exteriormente a sua religião, impondo barreiras às suas próprias vidas.

Porém, Ele ignorou as hierarquias e burocracias religiosas de seu tempo e falou diretamente para cada coração capaz de pensar e buscar a verdade, por entender que Deus não precisa de intermediários para se manifestar na vida de quem busca o Seu Reino. Foi por esse motivo que as hierarquias religiosas perseguiram-no e a tantos místicos e pensadores.

Ainda alertou que a desobediência às Leis Divinas, acarretaria em não conseguirmos expandir nossa consciência cósmica, e ficarmos tal qual os fariseus, presos aos seus dogmas e preconceitos.

"O Ensino sobre o Ódio." (Mt 5, 21 a 26)

"Os sentimentos endereçados a outrem, sejam de ódio ou afeição, originam formas de pensamentos semelhantes a projéteis." (Ernesto Bozzano)

Jesus está ressaltando que todos cometemos vários "assassinatos" mentais quando preenchemos nossos pensamentos com sentimentos de ódio, ira, vingança e agressividade. Em outras palavras, não poderemos alcançar a almejada paz de espírito, se ao mesmo tempo nos impregnamos com sentimentos inferiores. Dois valores morais contrários, não podem se manifestar ao mesmo tempo.

Temos até o direito de nos enervarmos com alguma injustiça que tenham nos cometido, mas também temos o direito de termos, no mínimo, uma perturbação nervosa ou uma úlcera gástrica, porque quando nos envenenamos com estes sentimentos, as primeiras vítimas somos nós próprios.

A responsabilidade conosco mesmo e com a Lei Divina, é mantermo-nos interiormente equilibrados, e com pensamentos positivos e tranquilos, independentemente do desequilíbrio que haja em nossa volta.

Existe um provérbio chinês que diz: "Um homem não pode evitar que os pássaros voem sobre as suas cabeças, mas têm o dever de determinar se eles construirão ninhos nos seus cabelos." A pessoa pode até passar por uma perturbação, mas quando esta domina a sua mente, é o seu pensamento sobre a mesma que é o problema.

Portanto, ao sabermos das responsabilidades que os nossos pensamentos geram, o maior presente que poderemos ofertar diante do Altar Divino, é o coração liberto destes sentimentos desastrosos, e buscar um nível

de relacionamento revestido de compreensão, perdão, e misericórdia com o próximo.

A oração é um forte veículo para se restabelecer a consciência espiritual e a atitude mental correta, contudo, a oração só alterará os fatos, quando mudarmos a nós mesmos.

O Mestre nos mostrou um objetivo mais elevado e absoluto com relação à nossas vidas, e alertava que não seria fácil, mas que precisaríamos perseverar (orai e vigiai) para superarmos o nosso ego.

A resistência em mantermos nosso orgulho acima das necessidades, é um dos maiores inimigos do progresso espiritual que lutamos por alcançar, principalmente quando poluímos a nossa alma com o ódio e a ira.

“O Ensino sobre o Adulterio e sobre o Divórcio”. (Mt 5, 27 a 32)

Quando o Mestre nos aconselha a cortar a mão ou arrancar o olho, significa que devemos destruir em nós, mesmo que custe uma grande dor e sacrifício, tudo o que possa nos conduzir ao erro. Mas, um sentido oculto, também, deve ser observado nestas palavras. Já que a palavra “direito”, que significa o que é bom e correto, foi citada nas expressões “mão direita” e “olho direito”.

Isto indica, na verdade, que mesmo estando com total razão diante de uma possível desavença, devemos evitar discussões (escândalos), quando o diálogo não possa ser um instrumento de acordo e paz, abrindo assim, mão de problemas maiores. O que torna Suas palavras de acordo com o provérbio árabe: “O homem fala, o sábio cala e o tolo discute”.

Já a palavra *adulterio*, geralmente está relacionada à traição conjugal, que a maioria das pessoas entende como uma atitude que fere os princípios da moral e da honra em um relacionamento desta natureza. Mas, esta é outra palavra que tem um maior nível de abrangência. *Adulterio* vem de “*adulteração*”, ou seja, o ato de macular a pureza daquilo que é virtuoso e correto. O que sugere que, se em qualquer circunstância, até mesmo quando o nosso pensamento não tem o devido grau de pureza de intenções, já estaremos cometendo algum tipo de *adulterio* para com o direito alheio (*Façais aos outros aquilo que quereis que vos façam*).

Quanto ao *divórcio*, Ele também não estava apenas aconselhando a manutenção dos alicerces da família como instituição do processo evolutivo dos homens, mas principalmente, alertava sobre a tendência “*escapista*” humana de não enfrentar os desafios impostos pela vida, que nos foram colocados à frente para o auxílio de nossa evolução espiritual. E que por não serem assumidos, apenas adiamos uma inevitável oportunidade de crescimento.

Porém, seria duvidoso, não avaliarmos também, a possível necessidade do *divórcio*. Se existe uma ruptura na comunicação conjugal, e uma

desassociação de valores, tornando incapaz a reparação desta quebra, a continuação do casamento trabalharia para a deterioração cada vez maior deste processo evolutivo.

Se ao falar de pureza, como sugere a passagem anterior, e uma união não foi alicerçada nestes sentimentos, mas sim, em interesses materiais, status social, ou na beleza que encontramos em um belo corpo, ao se passar o tempo, tudo isso pode ser justamente, alguns dos motivos de não se estar mais "casado".

Pensemos no seguinte: O que Deus "separa", nenhum homem pode manter unido.

Reflitamos sobre isto!

"O Ensino sobre os Juramentos". (Mt 5, 33 a 37)

É vital aqui, a compreensão de alguns dos costumes judeus...

Numa transação comercial da época, por exemplo, era comum as partes envolvidas quererem garantir seus interesses da seguinte forma: *"Juro pelo Templo de Jerusalém que só posso vender este produto por três denários."* E a possível resposta seria: *"Juro pela alma de meu filho que só posso pagar um denário."* E quando o negócio não se completava e alguém se irritava, dizia-se: *"Raca"* - isto é, - *"Cuspo em você seu louco."*

Através desta ilustração, o que devemos entender é que a intenção de Jesus era nos alertar que não devemos comprometer nosso futuro ou nossas ações, com juramentos que não possamos cumprir ou atestar com uma atitude idônea. Aquele que tem pureza nas suas atitudes e maturidade mental e emocional transmite sinceridade nas suas palavras. Por outro lado, aquele cujas palavras traduzem falsidade, provocará dúvidas e desconfianças, mentindo principalmente a si mesmo, através do artifício do juramento.

"Sejam as tuas palavras, sim, sim; não, não", e não comprometas as tuas ações e tua evolução espiritual com falsas promessas ou atitudes que não serás capaz de realizar. Nunca devemos temer ser verdadeiros, por mais que seja desconfortável, pois, a mentira sempre se revelará.

"Ensino sobre a Vingança" (Mt 5, 38 a 42)

Esta é uma atitude de ser que nem sempre é levada a sério, pois parece fazer exigências impossíveis aos cristãos, e pressupõe, aparentemente, não ser de bom senso.

O que Jesus aconselha sempre é a derrota do orgulho humano, e a vitória do grande Eu Divino. É o simbolismo da eterna luta entre o "Lúcifer" e o "Logos", a magia mental do velho ego, e a sabedoria espiritual do novo Eu.

A lei do "olho por olho", foi destinada para manter um certo tipo de ordem entre o barbarismo do povo da época. Foi modificada, com a necessidade do progresso, para o que se conhece hoje por justiça pública, que inclusive, também apresenta suas falhas. O que notamos, é uma sede interminável por justiça na vida humana. E Jesus nos mostra exatamente, uma instância de justiça, da qual o homem se esquece facilmente de acionar: a de Deus; apelando sempre a voltar à sua tendência bruta: resolver com as próprias mãos.

Existe um pensamento que diz: "O ódio e o rancor são venenos que lançamos aos outros, porém somos os primeiros a nos envenenar."

Quando nos sentimos feridos, desvalorizados ou agredidos pelos outros, somos invadidos por emoções negativas e intensas que abalam nosso equilíbrio interno. De imediato, sem que percebamos isto, tais sentimentos tornam-se agressivos, primeiramente contra nós mesmos, e explodem em sensações de revolta e ódio, que acabamos liberando contra as pessoas.

A tradição espiritualista afirma que "não há amigos nem inimigos, mas todos são igualmente nossos instrutores". O escritor Carlos Castañeda diz que "a vaidade é o nosso maior inimigo", e "o que nos enfraquece, é nos sentirmos ofendidos pelos feitos dos nossos semelhantes, e nossa vaidade nos faz passar a maior parte das nossas vidas ofendidos com alguém."

O que o Mestre está dizendo é: "Volte-se para o outro lado de sua natureza. Você é humano e é Divino (*"Criemos o homem à nossa imagem e semelhança"*). Existe uma parte em você que nunca poderá ser ferida, caso esteja sempre em unidade espiritual com Deus. Neste estado de consciência, qualquer ferimento é curado. A influência da outra pessoa é anulada, e você se torna uma influência curadora sobre ela."

Dar o outro lado da face significa mostrar que você não está em sintonia com as agressões, insultos ou provocações. Jesus descobriu que quando fazemos o que é esperado, e nada além disso, passamos a ser escravos da nossa inferioridade. Mas se desejamos abrir as algemas do cárcere mental que nos aprisiona, precisaremos elevar o nosso nível de consciência, e dar mais do que até agora achamos o bastante.

É necessário que passemos a entender melhor as frases: *"Acomoda-te com pressa no Senhor."*, e *"Eu e Pai somos um"*. É o despertar da consciência crítica não se deixando mais afetar pela trivialidade das coisas pequenas, pois teremos sempre Deus à frente de tudo.

"Ensino sobre o Amor pelos Inimigos" (Mt 5, 43 a 48)

Sócrates disse: *"Uma vida sem constante avaliação, não vale a pena ser vivida"*. E notamos nestas palavras, mais um desafio que o Cristo nos coloca à frente, nos obrigando a refletirmo-nos dentro do contexto do potencial Divino, ainda não explorado por nós. Ele está nos chamando a obtermos uma melhor compreensão do que chamamos amor, e é este sem dúvida, um dos tópicos evangélicos mais repetidos, e de todos, o menos praticado.

Esta atitude de ser, nos pergunta: "O que você faz demais tendo afeição apenas pelos que lhes são queridos? Qualquer pessoa que, possamos criticar como sendo de má índole, tem afeição por seus caros. Se só fizemos o mesmo, não estamos fazendo nada de impressionante."

A força do ego advém de confrontos, e cresce toda vez que se mantém a nossa posição diante daquilo que se mostra como nosso adversário. Mas, o que o confronto encerra é a nossa necessidade de sermos

reconhecidos pelas pessoas que nos cercam. Assim, embora os relacionamentos sejam tão importantes e necessários para o nosso bem-estar, podem também despertar emoções desagradáveis ou receber resistências.

O "inimigo" que repudiamos, está sempre à espreita. Este inimigo nunca é outro ser, mas sim a ignorância, a falta de percepção da verdade. E quando a ignorância está fundamentada em outra pessoa, quem se comporta como nosso adversário não é um inimigo, mas aquele que a vida está se utilizando para acelerar nossa evolução pessoal e testar a nossa capacidade de ser melhor.

O amor não é uma condição que começa em nós e termina numa resposta positiva do outro. O Amor é uma Energia Divina que começa em Deus e não tem fim. Jesus está dizendo: Ame aquela criatura difícil que se colocou à sua frente, não porque ele possa merecer, mas porque quando ele usa de resistência, e nós reagimos com o mesmo sentimento, não estaremos agindo com a nossa parte Divina, e este poder só será nosso, quando o colocamos em prática.

Quando revidamos, estamos agindo em sintonia com o pensamento de hostilidade que nos direcionam.

Quando odeio a quem me odeia, não apenas aumento as trevas em que ele está, mas também, aumento as minhas próprias trevas, direta e indiretamente.

"Não é aquilo que entra no homem que o torna impuro, mas o que dele sai." Vibrações negativas, buscam-se a si mesmas; vibrações positivas, vão em busca e atraem vibrações positivas.

A perfeição é a meta suprema de nossa existência, na forma relativa de como vivenciamos nossas experiências.

Façamos o possível para honrar o direito de viver, sem nos afogarmos na nossa incapacidade de podermos ser o reflexo de melhores atitudes.

"Ensino sobre a caridade e a oração" (Mt 6,1 a 15)

Parece que a advertência de Jesus configura apenas uma conveniência ética. Mas, não apenas esta importância tem evidência neste ensino.

A nossa imperfeição nos impulsiona vez por outra, até mesmo inconvenientemente, a sermos mercenários das boas atitudes que praticamos. O ego humano precisa ter uma noção clara daquilo que produz. Precisa de algo que reflita, se o que faz é bom.

Assim como ninguém pode ver o seu próprio rosto ou a cor dos seus olhos, senão quando refletidos em um espelho, achamos que só teremos conhecidos nosso sujeito interno, quando refletidos por um objeto externo, tornando-nos escravos, no caso, do reflexo da opinião pública. Só o de espírito inferior, é que deseja ser aplaudido, pois fazer o bem ainda é para nós um

sacrifício, e precisa ser compensado. Quem precisa ser compensado deve estar incompleto!

A palavra "hipócrita" vem da língua grega, e significa "ator em um palco", ou "mascarado". Antigamente, esta palavra não tinha o sentido de falsidade ou fingimento, do qual encerra hoje. Jesus aplicou o termo a um religioso zelota que dava um espetáculo de sua religião e da sua oração. Ele criticou a prática e não a pessoa, pois a ação, nem sempre é uma tentativa de chamar atenção.

Jesus está dizendo: "Não faça de sua religião um espetáculo. O Pai em você lhe conhece melhor do que você mesmo. Sua oração não se destina a impressioná-Lo ou a ninguém. Sua oração deve elevar a sua consciência e não a Dele, e só assim você O sentirá."

A mão direita representa a operação da Lei Divina (causa) no "segredo" da consciência espiritual quando executa a palavra da Verdade. A mão "esquerda" é a manifestação do objetivo a ser atingido (efeito).

Ore no oculto do teu coração e da tua consciência estabelecendo o contato com o poder divino, e todas as coisas serão acrescentadas mediante o teu merecimento, pois, "Vosso Pai sabe o que é necessário antes que lhe peça", portanto, não é o que precisamos para nós que Deus deve operar, mas o que Deus precisa fazer em nós.

Analisemos todas estas proposições nesta oração:

Pai Nosso – Jesus desfez a imagem do Jeová do Antigo Testamento. Deus é o Pai e nós os filhos. Isto declara a nossa unidade com a essência divina, e a nossa irmandade espiritual com o Cristo.

Que estás nos céus – Isto localiza Deus acima de nós, e nos lembra a necessidade de expandirmos continuamente nossa mente a objetivos mais elevados.

Santificado seja o Vosso Nome – É a compreensão da perfeição e da onipresença da natureza de Deus.

Venha a nós o Teu Reino – Que a perfeição que Tu inspiras, seja a meta da nossa existência, proporcionalmente à nossa capacidade de entendimento.

Que Tua vontade se faça tanto na Terra como nos Céus – Que Teu desejo de Criador se expresse na Tua criação, nos conduzindo à manifestação externa do que somos em essência.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje – Existe uma herança que nos é concedida da Substância Divina nos suprindo constantemente, material e espiritualmente.

Perdoai nossas dívidas, assim como perdoamos nossos devedores – Isto não é simplesmente pedir o perdão de Deus, mas, pedir que a lei de Causa e Efeito se exerça, à medida que nossa ação se executa. É termos a consciência que "teremos" à medida que executarmos.

Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal – A tentação não vem de um poder exterior, mas das nossas próprias fraquezas

morais. O mal é o resultante da perturbação que surge das tentações. O mal é, portanto, a ocultação do bem que foi sufocado por nossa falta de vontade. Ele disse que deveríamos não cair quando enfrentássemos qualquer dificuldade moral.

O homem que alcançar esta beatitude é árbitro de sua vida, e saberá posicionar-se dentro do seu papel na importância do estabelecimento do Reino de Deus entre nós.

“Ensino sobre o Jejum” (Mt 6, 16 a 18)

A mais verdadeira e disciplinadora forma de jejum consiste em fazer com leveza de espírito as coisas “pesadas” da vida.

O jejum deve representar um ato de disciplina e não de autopunição ou de autopromoção.

Como autopunição, nada vale, por que a Lei de Ação e Reação estabelece a necessidade de mais cedo ou mais tarde, refazermos certo o que fizemos errado. Não podemos comprar Deus para que Ele altere suas leis em nosso benefício.

Como autopromoção, como no caso dos judeus que tinham por hábito se vestir de panos grosseiros e atirar cinzas às cabeças, apenas servindo ao objetivo imediato de, por meio da compaixão de quem assistia, alcançar reconhecimento por parte dos homens.

E como disciplina espiritual, pode ser comparado ao aprendizado da nossa reforma interior através do combate aos nossos vícios e defeitos.

Todo aquele que jejua reconhecendo a necessidade de tal ato:

- É poderoso mas não exhibe poder;
- Visa a pureza, mas não ataca os impuros;
- Adora o que é sagrado, mas sem fanatismo;
- Vive alegre com grande compostura;
- Sofre sem amargura;
- Goza sem excessos;
- Pratica a abstinência sem fazer disto uma lei ou mania;
- Isola-se sem detestar a sociedade;
- É disciplinado sem extremismo.

O jejum deve visar o método pessoal de cada um em educar suas tendências inferiores, mas, *“ungindo a cabeça e lavando o rosto”*, ou seja, fazendo com leveza as tarefas pesadas.

“O Ensino sobre a Verdadeira Riqueza” (Mt 6, 19/21)

Mais um chamamento à conquista dos valores do espírito.

A riqueza é um meio de aglutinação de esforços do homem, mas não apenas em torno de sua vida material.

Não quis o Mestre condenar a riqueza, mas apenas alertar contra o apego excessivo aos bens materiais.

A formação deste tesouro que ninguém rouba, é que constitui a nossa personalidade.

Dizendo que no nosso coração estaria este tesouro, disse o Cristo que, nossas riquezas espirituais se encontram vinculadas à intenção dos nossos sentimentos mais puros.

Esta é a riqueza que deve ser comum ao bem de todos. Mas os homens não sabem ainda se unir fraternalmente. Necessitam de lucros pessoais para prosperar em seu próprio benefício.

O dinheiro é apenas um meio de troca. Até Jesus e os apóstolos foram sustentados pelo dinheiro durante o Seu ministério pela Palestina. O dinheiro possibilita que grandes coisas possam ser realizadas, permite que o amor flua, que o serviço seja realizado, que a fé seja sustentada pelo trabalho.

Mas quando se torna objetivo de vida, frustra a criatividade do homem, inibe a sua vida espiritual tornando-se uma espécie de veículo de proliferação da ganância desonestidade, egoísmo e corrupção.

Em outras situações, as riquezas que queremos obter, estão vinculadas aos objetivos de vida relacionadas a coisas do nosso ego periférico; como família, propriedade, profissão, relações sociais, amizades, etc; que também são circunstâncias fora do nosso centro individual, sobre as quais, não temos domínio direto, e que, por isto, podem falhar. E lá está o nosso sofrimento!

Se o homem estabelecesse um equilíbrio razoável entre o seu ser e os seus teres, entre o que ele é, e o que ele tem ou deseja ter, reduziria grandemente a chance dos seus sofrimentos.

"Uma só coisa é necessária", dizia o Cristo a sua discípula Marta de Betânia, que discordava da sua irmã Maria de ouvir-Lhe os seus ensinamentos, enquanto considerava os serviços caseiros como facultativos, e não os Seus ensinamentos como realmente necessários. (Lc X ,38 a 42)

Em consoância com esta passagem do evangelho, dizia Diógenes, o filósofo de Sínope, que a verdadeira felicidade consistia em nada ter que o mundo nos possa tirar, nem nada desejar que o mundo nos possa dar.

Afirmemos sempre que somos ricos, e que estamos seguros porque somos seres espirituais e o Reino de Deus está em nós.

“O Olho é a Candeia do Corpo...” (Mt 6, 22 e 23)

Olhar e ver são duas ações distintas. Olhar significa o ato físico de dirigir os nossos olhos para algum objetivo. Ver representa a compreensão do fato observado.

Olhar é uma atividade orgânica, e uma mobilização do corpo, para que a mente tenha consciência do que se passa ao redor. Ver é uma atividade do espírito, que compara aquilo que o corpo enxerga com o que a criatura tem de experiência vivenciada nos seus arquivos mentais.

Com isto, observamos que um único fato visto por dois indivíduos pode ter interpretações diversas. Cada pessoa vê com a mesma estrutura ótica, mas carrega um pré-condicionamento pessoal de vida, que proporciona de acordo com o seu nível mental, o que interpreta das informações que recebe.

A capacidade de compreender portanto, depende do estágio evolutivo no qual se encontram os espíritos. A influência inferior (externa ou interna), também pode criar através dos nossos arquivos mentais, quadros negativos do passado, prognósticos e julgamentos pessimistas, gerando assim o poder da opinião.

Como se forma uma opinião? Segundo o eminente jurista brasileiro Darcy Azambuja, "A imensa maioria de nossas idéias, atitudes, afirmações e negativas, quase todas elas, não são o resultado do raciocínio, e sim do nosso temperamento, do nosso caráter, da nossa educação e das nossas crenças. Essas forças, mais ou menos subconscientes, modelam o que aprendemos, vemos e ouvimos, e quase sempre o que consideramos resultado do nosso pensamento, não passa de manifestações dos nossos sentimentos, tendências, desejos e aspirações."

Alertava o Mestre então, que é preciso filtrar nossa "visão" das nossas chagas mentais, e operar os nossos julgamentos cada vez mais cheios de misericórdia para com o mundo. Ver sempre o aspecto Divino das experiências, por mais dolorosas que sejam, faz parte do nosso aprendizado em utilizar os nossos olhos espirituais a serviço do bem, tendo o devido cuidado até mesmo nas opiniões que lancemos, pois tudo o que produzimos tem uma repercussão.

"Não te deixes vencer pelo mal, mas o mal se vence pelo bem" (Rom 12, 21).

"Não se pode servir a dois senhores" (Mt 6, 24)

O homem que se deixa envolver pela sede do poder material e pelas riquezas, esquece o seu destino de aprendiz das Leis Divinas.

Quando o jovem rico veio a Jesus, querendo ser seu discípulo, o Mestre lhe disse para ir vender tudo o que tinha e dividir com os pobres. O jovem voltou-se pesarosamente, pois tinha grandes posses, e se foi.

Jesus não era contra as riquezas. Estava apenas testando o jovem quanto ao desapego das facilidades e confortos que aparentemente o dinheiro causava.

Ninguém poderá ser milionário no plano horizontal do "querer ter" e ser ao mesmo tempo um humilde servo no plano vertical do "querer ser". De tanto "ter" não chegará a "ser". Os nossos teres quantitativos, nos afastam da compreensão do Reino dos céus. O nosso ser qualitativo nos faz entrar Nele.

Se os homens se considerassem apenas administradores, em vez de possuidores dos bens materiais, seria proclamado o Reino de Deus na face da Terra. Cessariam guerras, explorações, brigas, roubos, etc. "A cobiça é a raiz de todos os males", dizem alguns livros sacros.

É engano concluir que Jesus desprezava os ricos. Lembremo-nos de Levi (Mateus) e Zaqueu (o que esperava Jesus passar de cima de uma árvore), que apesar de serem publicanos (coletores de impostos), impuros para os judeus, mereceram total atenção do Mestre.

Quando Ele falou: *"É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino dos céus"*, Ele se referia exatamente àqueles que seriam ricos no plano da matéria, sem se lembrarem de ser pobres e humildes no plano do espírito. E não faltaram aqueles que gostariam de ver se conseguiam passar pelo "fundo da agulha" pelo menos com uma parte da "bagagem" de reboque.

Como poderia um genuíno discípulo do Cristo declarar "este objeto me pertence", quando ele mesmo não mais se pertence, uma vez que pertence a Deus e à humanidade?

Não digamos mais o quanto do meu dinheiro dou a Deus, e sim o quanto do dinheiro de Deus guardo para mim.

O homem crístico não mais se preocupará com o fluxo e refluxo incerto de lucros e perdas que deixou de atingir, para com isso, eliminar a fonte principal de inquietação que muito ainda atormenta a humanidade na forma da má distribuição de riquezas entre os homens.

"Observai as aves do céu..." (Mt 6, 25 a 34)

Se Jesus fizesse esse Sermão nos dias de hoje talvez tivesse havido uma referência ao stress e ansiedade dos homens pelo dia de amanhã. Ele está dizendo que o homem deve reconhecer e conscientemente responder a Deus, que confia Nele. Que o homem deve relaxar e deixar que a vida se realize em nós.

Para alguns, esta seria a apologia à inércia. Mas não se trata de uma dissertação em defesa do conformismo e da preguiça, da negligência e do fatalismo, e sim uma certidão de fé inabalável na bondade e justiça de Deus.

Em outras palavras a força que cria o homem, tem a mesma potência perpétua para mantê-lo. E se o homem não se esquecer de buscar o Reino

de Deus em primeiro lugar, nunca será assaltado pela ansiedade de ter com o que se manter. Significa ainda que se trabalharmos no nosso investimento rumo ao bem, Deus sempre proverá.

Quando algo nos faltar então, o primeiro passo é nos tranquilizarmos, reconhecer a nossa unidade espiritual com a Mente infinita, e "acomodarmos no Senhor nosso Deus." Não devemos trabalhar somente através dos recursos humanos. Reconhecer no Princípio Universal a ordem de tudo que se opera ao nosso redor, é a forma de viver o hoje sem se ocupar do amanhã desesperadamente.

Parece muito difícil não se preocupar com o amanhã. Porém Jesus nos desafia a parar de pensar na vida como uma viagem entre dois pontos numa estrada sem fim. É este sentimento de intranquilidade que conduz à pressa, à agitação e à tensão.

A vida é eterna e Jesus revelou que a imortalidade não é uma experiência pós-morte, mas uma realidade atual. Quando o amanhã se tornar o hoje trará todos os seus desafios e também a suas próprias bênçãos.

"Eis aqui agora o tempo aceitável, eis agora o dia da salvação". (II Cor 6, 2)

"Os que confiam no Senhor, são como os montes de Sião, que não se abalam mas permanecem para sempre" (Salmo 125).

"Não julgueis para que não sejais julgados" (Mt 7,1 a 5).

Esta é a grande lei. O Princípio Universal que opera a Justiça Divina para santos e pecadores, ricos e pobres, jovens e velhos, Oriente e Ocidente.

Em resumo, este ensino determina que todo ato construtivo e bom, traz alegria e satisfação àquele que o praticou; enquanto que atos destrutivos e maus desencadeiam reações de mesmo teor: (*"A cada um segundo as suas obras"*).

Mais uma vez, observamos que a justiça de Deus se opera através da Lei de Ação e Reação. Toda causa gera um efeito, e este efeito é proporcional à causa que o criou. Portanto, todo julgamento que fizermos deverá estar revestido da advertência do Mestre, que abordamos anteriormante: *"Os olhos são a candeia do corpo. Se teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se porém teus olhos forem maus, todo o teu corpo será tenebroso"*.

"Tirar a trave do nosso olho", é a síntese de tudo o que poderíamos dizer sobre reforma íntima. Significa a necessidade de começar a eliminar primeiro os nossos vícios e defeitos, para então vermos a melhor maneira de auxiliar o próximo a vencer as suas limitações.

"A trave" que nos impede de ver claramente, é o nosso orgulho, nosso egoísmo, os quais somente serão afastados quando fizermos conscientemente o reconhecimento destes, e eliminarmos os mesmos de nossa conduta.

Jesus era um Mestre em psicologia. Ele sabia que as pessoas têm uma tendência de tentar justificar suas próprias fraquezas, olhando para as fraquezas dos outros. Por isso Ele avisava que deveríamos esquecer esta demonstração de fraqueza ou de limitação que encontramos no próximo, ocupando-nos em mudar o nosso próprio nível de consciência.

Se Deus está entre nós, vendo e permitindo tudo o que está acontecendo, quem somos nós, para nos colocarmos acima de Deus, querendo modificar os fatos que se referem aos outros?

Se achamos que alguma coisa está errada, entreguemos o caso a Deus, que também é Pai de quem erra. Antes de sairmos no mundo a julgar ou promover a justiça, aprendamos primeiro a sermos justos.

“Não lancei pérolas aos porcos...” (Mt 7,6).

A palavra “cão” vem de uma raiz grega que significa cínico. Vemos portanto que o Cristo não está chamando as pessoas limitadas de cães. Está simplesmente dizendo: “Não percam tempo tentando mostrar a Verdade para pessoas cínicas e irônicas. Elas não compreenderão e dilacerarão as suas tentativas de argumentação”.

Os ensinamentos evangélicos são pérolas de luz ansiosamente esperadas pelos sofreadores de toda espécie. Mas, nem todos, estão com o coração preparado para receber este tesouro. Aqueles que se comprazem no mal e se recusam a evoluir, necessitarão de muito mais tempo para despertar do nível mental em que se encontram no momento. Seria como jogar pedras preciosas na lama para serem pisadas pelos que não valorizam o seu brilho.

Se nos sentirmos atingidos pela resistência dos incrédulos e refratários à mensagem do Cristo, e o nosso orgulho de querer “converter” os mesmos, for grande, tiremos a “trave” do nosso olho”.

Há uma estória oriental que ilustra bem a situação: “Certo dia um rei chamou ao seu palácio um mestre zen, com a intenção maldosa de lhe humilhar, e lhe disse que queria ter uma conversa amigável com ele. Assim que o mestre chegou, o rei comentou que o venerável parecia com um grande porco procurando por comida. O mestre respondeu que o rei parecia com o Buda meditando, sobre um pico elevado do Himalaia. O rei ficou surpreso com a resposta: “Comparei você a um porco, e você me compara ao Buda? - e o Mestre lhe disse: “É que um porco só pode ver porco, excelência, e um Buda só pode ver Buda.” O rei sorriu admitindo que era uma lição de sabedoria.

Curemos a nossa preocupação de, orgulhosamente, quisermos mudar o mundo, sem que antes usemos primeiramente as pérolas da Verdade em nós.

"Pedi e vos será dado..." (Mt 7, 7 a 12)

Isto implica claramente uma lei, e não um capricho da resposta de Deus a uma oração ou esforço humano.

Deus sempre coloca em disponibilidade, a sua graça ao nosso alcance. Como uma fonte que não deixa de jorrar a sua água para aquele que deseja saciar a sua sede. O ato de pedir, para que algo seja concedido; procurar, para que algo seja achado; e bater, para que algo seja aberto, é o fator indispensável para que a graça de Deus possa entrar em movimento, e agir rumo ao homem, que cria em si uma atmosfera favorável para que a plenitude do Pai possa fluir para dentro da vacuidade do mesmo.

Quando nos direcionamos ao simbolismo de uma fonte, notamos que para que a sede possa ser saciada, é necessário "irmos" até a fonte, que se "estique" o braço, e que se "recolha" a água na "taça" de onde se vai beber.

Então, vemos na mensagem do Cristo, que para a graça de Deus poder fluir em nossa vida, se faz necessário a nossa receptividade espiritual na participação da Divina obra, ou seja, para que Deus opere em nós, é preciso que O busquemos, e que estendamos as nossas necessidades até a sua eterna providência, pois se nós que somos imperfeitos, sabemos o que de melhor podemos dar aos nossos filhos, o que não poderia fazer por nós o nosso Pai Bondoso!

Mas surge uma pergunta: Como saberemos se o nosso desejo é bom e lícito?

O sábio critério para a solução deste questionamento, é trabalhar ou reivindicar só aquilo que desejamos que a humanidade receba igualmente a nós.

Jesus resumiu este critério da formulação universal destes desejos, no que se chama de Lei Dourada: *"Assim, tudo o que desejares que os homens vos fizessem, fazeis vós também a eles."* Este é o princípio, dar e receber. A lei da complementabilidade. Façamos o que gostaríamos que nos fizessem. Amemos como gostaríamos que nos amassem. Perdoemos como gostaríamos de ser perdoados.

Esta é a verdade fundamental. A realização mais necessária para todos que vivem e têm o direito à vida.

"Entrai pela porta estreita..." (Mt 7, 13 e 14)

Por que o Mestre comparou o caminho do mal na evolução humana a uma estrada espaçosa e a uma porta larga?

Porque são elas que atraem todos aqueles que se dispõem apenas às facilidades, e não ao sacrifício de procurarem os caminhos estreitos e ultrapassarem as portas apertadas.

Os caminhos fáceis são os preferidos. Todo homem normal acha fácil e prazeroso comer, beber, dormir, fluir prazeres sexuais e possuir bens materiais sem que se meça os excessos. É fácil e fascinante ouvir elogios, ser estimado, amado, aplaudido, porque tudo isso acaricia o nosso velho ego físico, mental e emocional.

Pelos caminhos estreitos, é preciso desprendimento, sacrifício, compromisso, dedicação e desejo íntimo de melhoria espiritual.

Disse-nos o Mestre: "Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida, ninguém vai ao Pai senão por Mim", ou seja, Ele é a porta estreita. Por esta porta, somente passarão aqueles que se dispuserem a ultrapassar as pedras da inveja, os espinhos do ódio, as ladeiras do orgulho, os abismos do egoísmo, a lama da incompreensão.

Além de afastar os tropeços, deveremos trabalhar em dobro para plantar as flores do amor e a fraternidade no solo árido da inferioridade.

As nossas conveniências mentais certamente nos farão achar impossível nos despojarmos dos nossos sentimentos e atitudes inferiores, pois a desculpa, é que somos seres humanos. Mas, primeiramente, somos seres divinos, e a meta do Cristo é valorizar esta condição.

Não é fácil lidar na vida prática com a busca do Reino de Deus. O processo de adaptação das novas percepções espirituais deve ser encaminhado com cautela e gradualmente. Milhares de pessoas não conseguem administrar o surgimento da Energia do Sagrado em suas vidas, pois, a inspiração Divina está longe de ser uma experiência sempre agradável em todos os aspectos, pois exige sacrifícios.

Mas, felizmente, a maior característica da mente iluminada, é o pensamento positivo. Quem está em contato com a Energia Divina, deve fazer um constante esforço para estar respirando uma atmosfera espiritual elevada. A mente e o coração devem estar voltados para o Sagrado, do mesmo modo com que uma bússola está sempre voltada para o Norte.

A conquista do Reino dos Céus é difícil, porque o homem tem que se posicionar diante desta estrada. E se seguirmos resolutos, com a consciência crítica a nos inspirar, da porta que hora se mostrava difícil de ser transposta, se mostrará as mais belas paisagens que desejamos que o nosso mundo apresente.

"O Ensino sobre os falsos Profetas". (Mt 7, 15 a 20)

No sentido evangélico, a palavra profeta, significa todo aquele que, baseado nas Leis divinas, têm como missão instruir os homens e lhes revelar os mistérios da vida espiritual.

A recomendação do Mestre é que haveria aqueles que, por falta de conhecimento, má interpretação, ou interesses próprios, corromperiam ou comprometeriam a mensagem da Verdade.

Todas as grandes religiões e ideologias são, essencialmente, pedaços de uma verdade única. Mas com o tempo, diversos grupos humanos preferiram quebrar a verdade, como um a vaso, em pedaços cada vez menores. Através dessa alegoria, vemos como foram originados os fanatismos, os dogmas religiosos e a propaganda corporativista. A partir daí, convencer os outros qual o pedaço da verdade é o mais importante, tornou-se prática comum e insensata. E em nome disso, muitos deram a sua vida, ou tiraram a dos outros que se negaram a pensar igual.

Esta análise é útil para que, sobretudo, em momentos de transição, como os que agora o nosso mundo está passando, o verdadeiro profeta não seja preconceituoso, e estabeleça respeito e compreensão para com as crenças alheias, pois, somos filhos de um mesmo Pai, e devemos entender que vários são os níveis de entendimento à respeito deste Reino de Deus.

São três as fases entre a total ignorância e o conhecimento de Deus: O não saber, o crer, e o saber. E seria o último estágio que daria total condição para o homem distinguir o verdadeiro profeta, pois só o conhecimento fornece propriedades mais adequadas para se racionalizar qualquer mensagem aplicada à nossa mente. Já dizia o grande filósofo Santo Agostinho: *"Crer para compreender, e compreender para crer."*

Porém, existe um ponto comum entre estas categorias pensantes no exame dos mensageiros da palavra de Deus: Os "frutos" produzidos pelos mesmos." Só a verdadeira e pura intenção, analisada à luz da Verdade Universal, poderá mostrar-nos se o caminho que trilhamos nos conduzirá à "porta certa."

O verdadeiro profeta nunca se preocupará com publicidade, dinheiro, corporativismo ou serventilismo. Entregará o seu conhecimento para o engrandecimento da humanidade de forma coletiva. Será um arauto da liberdade de expressão. E fará sempre a vontade de Deus, por amor, e por abnegação.

"Nem todo aquele que diz Senhor, Senhor, entrará no Reino dos Céus..." (Mt 7, 21 a 23)

Todos os que confessam a missão de Jesus dizem: "Senhor, Senhor!" Mas de que vale chamá-lo de Mestre ou Senhor, quando só seguimos os seus preceitos segundo as nossas conveniências?

São seus discípulos sinceros, esses que apenas possuem ações exteriores de devoção, onde ao mesmo tempo se utilizam do egoísmo e do orgulho? Seriam aqueles que rezam fervorosamente, mas não são capazes de agir com misericórdia para com seus semelhantes? Seriam os que dizem amar o próximo que está diante de si, e maldizê-lo ou caluniá-lo pelas costas? Seriam aqueles que se dizem caridosos, mas que não seriam capazes de tirar

do seu essencial para dar a quem precisa? Seríamos nós alguns destes? Só a Deus e à nossa própria consciência, cabe este julgamento.

Porém, *"A cobrança será maior àquele a quem muito foi dado."*

"Retirai-vos de mim", diria o Mestre, àqueles que desmentem as palavras pelas ações, cujo coração destila ódio, cujo perdão não é sincero e que difama o próximo, pois a única via que está aberta para se abraçar à graça de Deus, é a da prática sincera da Lei do Amor e da Caridade.

Aqueles que se apegam à letra, às exterioridades, esquecendo-se do espírito e dos frutos que podem ser produzidos, devem se lembrar que os atos praticados em benefício do próximo, mas que não são movidos pela pureza de intenções, pouco valor representam para a Justiça de Deus.

"Os Dois Fundamentos".(Mt 7, 24 a 27)

Novamente volta o Mestre a dizer que não basta apenas ouvir as suas palavras, por que seria como construir uma casa sobre a areia. É preciso praticar os mandamentos e dar sólidos alicerces ao edifício moral que devemos construir em nossa alma.

A boa crença nasce do estudo, do livre exame da observação; é a crença ativa, racional (*"Examinai tudo e retêm o que for de bom"* I Tes 5,21).

A má crença é passiva, sectarista, preguiçosa, dogmática, sem consciência e sem análise (*"Se alguém cuida de ser religioso e não refreia seu espírito, mas engana o seu coração, a sua religião é vã"* Ti 1,26).

Jesus comparou ambas as formas de crença. Uma, a um edifício bem construído, e a outra, a uma casa mal edificada.

O edifício (a boa crença), dá-nos um conhecimento ampliado de Deus, consola-nos nas provações, livra-nos das emboscadas morais dá-nos calma, coragem e fortaleza para vencermos e ajudarmos o próximo.

A casa mal edificada (a má crença), não conduz ao coletivo, apenas aceita o que o sectarismo admite, é presunçosa e preconceituosa.

Jesus adverte que a boa crença, conduz à auto-descoberta, à vida abundante no Reino de Deus, através da constante reavaliação dos nossos fundamentos espirituais, que deve estar baseada em nunca deixarmos de ampliarmos nosso conhecimento, e questionar se o que fazemos dele não nos leva a continuarmos bloqueando o conhecimento do coletivo, como nos lembra o Provérbio 25,2 *"A grandeza de Deus está nas coisas encobertas e a dos homens em descobri-las."*

As chuvas das tentações, as enchentes do egoísmo e os ventos do materialismo, são os maiores inimigos que fatalmente açoiarão os caminhos da cristificação. E é necessário que encontremos a rocha segura, onde consigamos construir o edifício do nosso espírito, como já lembrava o Salmo 40 em seu hino de louvor: *"Esperei com paciência no Senhor, e Ele se inclinou sobre mim e ouviu o meu clamor. Tirou-me de um lago horrível, de um charco*

de lodo, pois os meus pés sobre uma rocha e firmou os meus passos. E pôs um novo cântico na minha boca, um hino ao nosso Deus; muitos o verão, e temerão, e confiarão no Senhor”.

Conclusão

Desde os tempos primitivos, os homens racionalizam as injustiças da vida, sonhando com uma condição melhor futura, onde todas as coisas serão realizadas de modo perfeito. Isto bem poderia ser uma descrição do Reino de Deus!

Com este esclarecimento, podemos ver que Jesus não está falando de um lugar para onde iremos, mas como bem vimos em todas as atitudes de ser expressas em Seu Sermão da Montanha, tratam da fórmula de como instituí-lo em nossas vidas HOJE.

Não importa onde um homem possa estar, ou em que nível ele se expressa, o Reino de Deus está dentro dele.

O Reino de Deus, proposto então pelo Cristo, não seria senão, o estado de equilíbrio pelo qual as incertezas da vida material não passariam mais a afetar tanto a jornada rumo à espiritualização do ser, garantindo-nos, através de uma atitude renovada, uma constante sintonia com a nossa essência Divina, a nos possibilitar uma verdadeira atitude religiosa diante dos fatos comuns da vida.

A palavra “Religião” significa ligar o homem a Deus. É um relacionamento, uma conscientização da unidade do homem (filho) com a grande força criativa de Deus (Pai).

Mas as religiões se tornaram corporações, onde os dogmas e as cerimônias sufocaram a essência dos Ensinos do Mestre, tornando-os um monte de obrigações para os que fossem seus seguidores, onde na verdade, são diretrizes básicas e incondicionais da boa vivência humana e da descoberta de Deus.

Mas, independentemente das instituições humanas, podemos descobrir e expressar paz do nosso interior, pois o Reino de Deus está dentro de nós. Devemos nos tornar semeadores da verdade, uma influência de paz entre as pessoas.

Os cristãos ainda falam em serem salvos. Salvos da sociedade corrupta, do mundo pagão. Porém, nenhum homem pode ser salvo da sociedade, e sim, ser salvo com ela. Ninguém pode ser perfeitamente feliz, até que todos sejam felizes.

Quando começarmos a tratar as pessoas, individualmente ou em grupo, como seres espirituais, saudando a Divindade nelas, daremos e receberemos, e nos trataremos em um nível de amor e confiança mútuos.

A igreja cristã, de qualquer denominação, até agora tem orado pela salvação da sociedade, mas Jesus busca uma sociedade de colaboradores da salvação da humanidade. Devemos ser salvadores, e não ficar parados olhando para o céu.

Se formos discípulos de Jesus, cabe a nós levarmos a Sua luz para que a Terra seja iluminada. Não devemos nos queixar das coisas que faltam no mundo, estamos aqui para promover o que falta. Onde reina o ódio, a maldade e a discórdia, coloquemos Amor, Perdão e Paz. Para a mentira, a verdade; para o desespero, a esperança; para a dúvida, a fé; para a tristeza, a alegria.

Não sejamos luzernas sufocadas e asfixiadas, escondendo a luz.

Façamos brilhar a força deste "Tratado do Deus em nós" que é o Sermão da Montanha. E diante de Deus, de nós e dos homens, levantemos bem alto este tesouro que o Cristo nos deixou, e o façamos prosperar.

Bibliografia

- Aliança Espírita Evangélica, "*Iniciação Espírita*" (Ed. Aliança / 1987).
Huberto Rohden, "*O Sermão da Montanha*" (Ed. Martin Claret / 1997).
Erick Butterwoth, "*Descobrimo o Seu Poder Interior*" (Ed. Record / 1968)
A Bíblia Sagrada (Editora Vozes)
Aurélio B. de Holanda, *Dic. da Líng. Portuguesa* (Nova Fronteira/1993)
Caibar Schutel, "*Parábolas e Ensinos de Jesus*" (Ed. o Clarim / 1987)
Allan Kardec, "*O Evangelho Segundo O Espiritismo*" (Ed. Lake / 1991)
Merval Rosa, "*Psicologia da Religião*" (Junta da Convenção Batista Brasileira/ 1981)

Pesquisa, Diagramação e Edição: **Wilton Farias dos Santos.**
Edição Revisada 2008